

Concepções das crianças em idade escolar sobre Jogo e Trabalho em diferentes contextos educativos

LINA MORGADO (*)

Se consultarmos um dicionário ao acaso, a palavra *jogo* aparece-nos definida ou descrita em múltiplos sentidos, e abarcando um conjunto diverso de actividades humanas que não implicam um trabalho árduo, proporcionando alegria e prazer.

Em psicologia, bem como noutras áreas do conhecimento, o jogo tem sido objecto de investigação e de discussão teórica, verificando-se por vezes tais divergências entre os autores quanto à sua natureza, processos psicológicos e classificação que se torna difícil conciliar as várias perspectivas.

Contudo, e apesar desta diversidade, existe um aspecto em que todas elas coincidem, ao atribuir-lhe um papel de grande relevo no desenvolvimento da criança, sendo numerosas as obras que referem a sua importância para o desenvolvimento físico, intelectual, da linguagem, social e afectivo desta.

No seguimento das teses de F. Schiller, apareceram já neste século algumas teorias que concebem o jogo como ligado ao prazer, estabelecendo deste modo um dos critérios por que se procura mais frequentemente defini-lo.

Um outro critério também muito utilizado é o de comparar jogo e trabalho, opondo as

características julgadas específicas de cada um deles: espontaneidade *versus* obrigação e adaptação ao real; prazer *versus* seriedade e obtenção de um resultado útil, e assim por diante. (Piaget, 1973).

Embora o jogo seja uma actividade de grande importância para a criança, e à qual ela se dedica sempre que pode, esta não deixa de desenvolver outras actividades não lúdicas.

Não podemos deixar de estar de acordo com Vygotsky (1978), ao considerar imprecisa a definição de jogo como uma actividade que dá prazer à criança, não só porque outras actividades também o fazem, mas também por existirem jogos (sobretudo na idade escolar) em que a actividade em si só proporciona prazer quando a criança obtém resultados interessantes.

Deste modo, podemos considerar que o ponto de partida deste trabalho foi o Jogo, e nomeadamente a definição deste em oposição a Trabalho.

Mais do que discutir a dicotomia Jogo/Trabalho foi nosso objectivo estudar as concepções da criança sobre estas actividades e as suas relações.

Embora a oposição entre jogo e trabalho seja imposta à criança desde muito cedo, é sobretudo quando entra para a escola que

(*) Assistente no ISPA.

tem consciência do significado das tarefas escolares, entendendo-as como trabalho. Mas como é que a criança entende as actividades de jogo e de trabalho noutros contextos em que esta dicotomia não exista de forma tão marcada?

Na nossa perspectiva, e apoiando-nos nas teses de Bronfenbrenner (1985), o estudo dos processos de socialização da criança deve ter em linha de conta os contextos em que ela age. Isto porque, segundo este autor, a vivência que a criança experimenta num determinado contexto influencia, em certa medida, as interacções que ocorrem nos outros.

OBJECTIVOS

Foi nosso objectivo estudar as concepções da criança sobre *Jogo e Trabalho*, numa abordagem exploratória que visou sobretudo o equacionar de algumas questões passíveis de ser aprofundadas na sua especificidade em trabalhos posteriores.

Deste modo, propusemo-nos alcançar os seguintes objectivos:

- 1) Averiguar quais as concepções das crianças em idade escolar sobre *Jogo e Trabalho*;
- 2) Estudar quais as concepções que as crianças têm de *Jogo e Trabalho* em diferentes contextos educativos — na Escola, na Rua, em Casa e num Centro de Actividades de Tempos Livres (CATL);
- 3) Averiguar quais as actividades que as crianças concebem como possuindo simultaneamente os pólos *Jogo e Trabalho*;
- 4) Estudar de que modo as crianças concebem *Jogo e Trabalho* consoante a metodologia utilizada: a entrevista, a dramatização com fantoches ou desenhos.

METODOLOGIA

Amostra

A amostra foi constituída por 10 crianças (6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino),

com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos de idade, que frequentavam o Centro de Actividades de Tempos Livres de Alfama.

Exceptuando as crianças de 6 anos todas as outras frequentavam a escola primária.

Recolha de dados

Numa primeira fase procedemos à realização de entrevistas para a definição e caracterização, em termos gerais, do que é *Jogo e Trabalho*, e definição e caracterização daquelas actividades enquadradas nos quatro contextos em estudo.

Na elaboração da entrevista optámos pela referência à acção de brincar ou trabalhar, em vez de referir a actividade *Jogo* ou *Trabalho*, procurando prever a possibilidade de serem dadas respostas que correspondessem à descrição de jogos e «trabalhos».

Numa segunda fase, foi pedido às crianças que dramatizassem com fantoches uma situação de *Jogo* e uma outra de *Trabalho*. A opção por esta metodologia tem como base o nosso objectivo de procurar ensaiar diferentes instrumentos de análise no estudo das concepções infantis sobre *Jogo e Trabalho*. Por outro lado, consideramos que possui o valor expressivo e projectivo das técnicas do jogo dramático, conduzindo assim a respostas mais espontâneas.

Material — O material era constituído por um conjunto de fantoches seleccionados, produzidos pelas próprias crianças no CATL, e por equipamento de gravação vídeo.

Procedimento — Cada criança foi recebida individualmente numa sala onde se encontrava instalado o biombo dos fantoches e disposto o material de gravação vídeo.

A instrução dada foi a seguinte: «Escolhes os fantoches que quiseses e vais fazer com eles uma cena de brincar». Após ser realizada a dramatização, era dada a mesma instrução mas para a cena de trabalhar.

A terceira fase consistiu na apresentação de desenhos elaborados especificamente para este trabalho, obedecendo a uma ordem previamente estabelecida, com o objectivo de as crianças se pronunciarem sobre os mesmos.

Material — Era constituído por 16 desenhos coloridos (26 cm x 17 cm) de uma só imagem, cujas cenas incluíam objectos, personagem(s), e a definição de um contexto. Este material estava agrupado em função de 4 critérios para os 4 contextos educativos em estudo: a Escola, a Rua, a Casa e o CATL.

Critério I — *Personagens*: 2 ou 3 crianças de ambos os sexos e um adulto do sexo masculino ou feminino.

Contexto: escola, Rua, Casa e CATL.

Cena: as personagens-crianças encontram-se a desenhar na presença de um adulto.

Critério II — *Personagens*: 2, 3 ou 4 crianças de ambos os sexos.

Contexto: Os 4 contextos educativos.

Cena: as personagens-crianças desenvolvem uma actividade que reenvia para a construção de objectos ou cenário (ex. enfeitar a rua para a festa de Sto. António).

Critério III — *Personagens*: uma criança do sexo masculino e um adulto do sexo feminino ou masculino.

Contexto: Os 4 contextos.

Cena: A actividade representada é a mesma do critério I.

Critério IV — *Personagens*: uma criança do sexo masculino.

Contexto: Os 4 contextos.

Cena: a actividade representada é a mesma do critério II.

Os Desenhos foram elaborados tendo em consideração uma série de características, de modo a definirem os contextos em que se desenvolviam as actividades representadas. Deste modo, procedeu-se à selecção de um conjunto de elementos para a sua caracterização:

O Contexto Escola, apresentado como contexto A, foi definido em função de dois espaços distintos pelos seguintes elementos:

sala de aula — O quadro negro, a secretária do professor e as carteiras dos alunos e, por outro lado, uma bancada de carpintaria; espaço exterior à sala de aula — o recreio e a palavra «Escola».

O Contexto Rua, apresentado como contexto B foi definido pelos espaços que não são construídos especificamente para a criança — os espaços públicos de passagem, abertos (largo ou rua) — e por um outro espaço nem público nem privado (porta de prédio), dos quais a criança pode apropriar-se para as suas actividades. Foi ainda caracterizado por um conjunto de elementos urbanos tais como candeeiros, varandas e degraus entre outros.

O Contexto Casa, apresentado como contexto C, foi definido pelo espaço interior de alojamento com valor multifuncional partilhado por toda a família — a sala.

O Contexto CATL apresentado como contexto D, foi caracterizado pelos seguintes elementos: por um lado, uma mesa grande ou bancada de carpintaria que reenvia para a cooperação e interajuda e, por outro, a presença de produções afixadas nas paredes.

Procedimento — Cada criança foi recebida individualmente numa sala, e foi-lhe dito «vou-te mostrar alguns desenhos e tu vais-me contar a história de cada um deles».

HIPÓTESES

Considerando que procurávamos estudar as concepções infantis sobre a dicotomia Jogo/Trabalho tendo em conta os contextos educativos onde se desenvolvem essas actividades formulámos as seguintes hipóteses:

1 — Esperávamos que um número significativo de crianças definisse as actividades desenvolvidas no contexto *Escola* como *Trabalho*, no contexto *Rua* como *Jogo*, e nos contextos *CATL* e *Casa* como *Jogo/Trabalho*, utilizando a entrevista e os Desenhos.

2 — Esperávamos ainda que se verificasse uma diferença nas concepções gerais de *Jogo*

e de *Trabalho*, consoante utilizássemos a Entrevista ou a Dramatização com fantoches.

Pensávamos que tais diferenças se justificavam, por considerarmos que na Entrevista as crianças dariam respostas menos espontâneas, e por isso mais estereotipadas, e na Dramatização com fantoches, dado o seu valor mais expressivo e projectivo, estas seriam mais espontâneas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em relação à primeira hipótese formulada, verificámos que:

— No que se refere à *Escola*, as respostas quer da Entrevista quer dos Desenhos permitem-nos afirmar que as actividades desenvolvidas neste contexto são consideradas *Trabalho*. O *Jogo* ocorre apenas no intervalo-paragem das actividades escolares, e num espaço que lhe está destinado — o recreio.

A Escrita, a Matemática, a Leitura e as Fichas são as actividades consideradas como *Trabalho*. O facto de as actividades representadas nos Desenhos (Construção de Objectos e Desenho) serem consideradas *Jogo* por um número significativo de crianças não nos parece contradizer a nossa hipótese. No primeiro caso, pensamos que tal se deve ao facto de a actividade se desenvolver num espaço exterior à sala de aula, já que quando ela é representada nesta (Critério IIIA), é claramente classificada como *Trabalho*. No segundo, porque a ausência do adulto/professor (referida pela quase totalidade das crianças) é em nossa opinião, o factor determinante para a classificação da actividade como *Jogo*.

— O facto de algumas das actividades definidas para o contexto *Rua* serem consideradas *Trabalho* por um número significativo de crianças prende-se, na nossa perspectiva, quer com o conteúdo das actividades quer com a sua associação a outros

contextos. Recorrendo a dois exemplos, um referente à Entrevista e outro aos Desenhos, temos que «Fazer um Recado» se enquadra nas tarefas domésticas (referentes ao contexto *Casa* e consideradas *Trabalho*), e a actividade «Desenho» se realiza tanto na *Escola* como no *CATL*.

Tendo em conta que a única actividade claramente associada à *Rua* — «Dar um Passeio» — é exactamente entendida como *Jogo*; que a *Rua* é considerada como contexto de *Jogo* pela totalidade das crianças, e não referido como contexto de trabalho; e que todas as crianças afirmam que na *Rua* «brinca-se mais», pode concluir-se que este contexto é, sem dúvida, entendido como *Jogo*.

O que parece acontecer é que o «valor» que as actividades têm (em termos de *Jogo* e de *Trabalho*) nos outros contextos, influencia a sua classificação neste. Mas, e sobretudo no caso dos Desenhos, a associação de *Rua* a *Jogo* manifesta-se ainda no facto de actividades consideradas maioritariamente *Trabalho* noutros contextos serem aqui referidas, por vezes de forma significativa, como *Jogo* ou como *Jogo/Trabalho* (possuindo pois os dois pólos).

— O *CATL* foi definido de forma mais significativa como um contexto de *Jogo/Trabalho*, considerando a maioria das crianças que nele se desenvolvem algumas actividades que possuem os dois pólos.

No entanto, com base nos resultados obtidos quer na Entrevista, quer nos Desenhos, podemos afirmar que, de um modo geral, as crianças concebem as actividades neste contexto como *Trabalho*.

— No que diz respeito ao contexto *Casa*, foi considerado pela maior parte das crianças como de *Jogo*, o que parece ser comprovado pelos resultados obtidos nos Desenhos.

No entanto, em relação ao critério III C, em que a actividade representada é a mesma do critério I (desenhar), variando apenas no facto da personagem/criança não estar acompanhada de outras, mais de metade das

crianças definem a actividade como *Trabalho*. Pensamos que a razão desta variação radica no facto de que a quase totalidade das crianças considerar a actividade como «Estudar/Fazer os Trabalhos Escolares» (apenas uma criança não o faz).

Na Entrevista, a maioria das crianças definiu as actividades neste contexto como *Trabalho*. Contudo, este resultado não é comparável aos obtidos nos Desenhos, já que as actividades exemplificadas são diferentes. Nesta, as actividades possuem as características das concebidas como *Trabalho* (trabalhos escolares e domésticos).

O único resultado coincidente verificou-se quando a actividade representada no Desenho foi interpretada como actividade escolar.

A *Casa* é, assim, concebida como um contexto onde se desenvolvem actividades de *Jogo* e de *Trabalho*, mas não de *Jogo/Trabalho*. O *Jogo* só é possível, do ponto de vista das crianças, após a realização dos trabalhos escolares. Esta relação entre as duas actividades, embora diferente, parece-nos ser da mesma natureza da que existe no contexto *Escola* — o *Trabalho* tem primazia sobre o *Jogo*, condicionando a sua ocorrência.

Podemos então concluir que em relação à *Escola* e à *Rua* a nossa hipótese se confirma, o mesmo não se verificando no que se refere ao *CATL* e à *Casa*.

Embora o *CATL* seja considerado um contexto de *Jogo/Trabalho*, as actividades são definidas como *Trabalho*. Na nossa perspectiva, estes resultados verificam-se em certa medida devido às características do *CATL* como contexto de educação não formal, onde existe uma «atmosfera lúdica», e onde as actividades de *Jogo* coexistem com outras consideradas *Trabalho*.

No que respeita à *Casa*, é concebida como um contexto onde as duas actividades ocorrem, mas onde o *Jogo* só é possível após o *Trabalho*.

Em relação à segunda hipótese formulada e com base nos resultados obtidos nas cate-

gorias comuns a ambas as metodologias, verificou-se que:

Na Entrevista, o contexto privilegiado de *Jogo* foi a *Rua*, sendo a *Casa* também referida de forma significativa. Estes resultados verificaram-se igualmente nas Dramatizações, embora em relação à *Casa* a frequência obtida fosse menor.

O *Jogo* é considerado, na Entrevista, como uma actividade de grupo pela maior parte das crianças, embora um número significativo delas considere que pode ser tanto individual como colectivo. Nas Dramatizações não aparece nenhuma situação de jogo individual.

No que se refere ao tipo de jogo, a maior frequência para ambas as metodologias foi de jogos estereotipados (com regras fixas).

Em relação a *Trabalho*, o contexto mais referido foi, no caso da Entrevista, a *Escola*, e no caso das Dramatizações, a *Casa*, não tendo sido possível no entanto identificá-lo em metade delas.

Os resultados de ambas as metodologias indicam que o *Trabalho* é concebido pela maioria destas crianças como uma actividade individual.

As actividades referidas como *Trabalho* na Entrevista são o trabalho escolar e actividades realizadas fora da escola. Nas Dramatizações, as actividades domésticas e actividades produtivas são as que registam maior ocorrência.

Podemos assim concluir que a hipótese se confirma apenas no que respeita à concepção geral que estas crianças têm de *Trabalho*, já que no caso do *Jogo* não nos parece registar-se uma variação significativa nos resultados obtidos.

CONCLUSÃO

Podemos agora ter uma ideia das concepções gerais que as crianças desta amostra possuem de *Jogo* e de *Trabalho*.

O *Jogo* é associado a prazer e a divertimento, sendo uma actividade que não custa

realizar, e através da qual se aprende. Desenvolve-se preferencialmente em grupo, e o seu contexto privilegiado é a *Rua*. Pode aparecer associado a *Trabalho* em algumas actividades.

O *Trabalho* surge ligado a uma ideia de produtividade (resultados), sendo uma actividade que custa realizar, embora seja bom fazê-lo «porque se aprende». Desenvolve-se sobretudo na *Escola*, e é individual, podendo surgir associado a *Jogo* em algumas actividades.

Deste modo, embora estas crianças distingam *Jogo* e *Trabalho*, consideram que possuem uma característica comum importante — a sua relação com a aprendizagem — e que podem surgir como pólos duma mesma actividade.

Quanto à consideração das actividades que desenvolvem nos diferentes contextos como *Jogo* ou *Trabalho*, parece verificar-se certo esbatimento nas fronteiras entre os dois conceitos. A sua classificação depende, fundamentalmente, de três factores: as características e conteúdos das actividades, a conotação que possuam num dado contexto a que surjam mais associadas, e o contexto considerado. Assim, quando uma actividade é transposta de um contexto para outro, pode modular-se duma actividade de Trabalho, por exemplo, para uma actividade de Jogo (parece-nos que este será um dos pontos a desenvolver em futuros trabalhos).

Os resultados obtidos neste trabalho conduzem-nos a sugerir que a vivência que a criança tem em termos de *Jogo* e de *Tra-*

balho num determinado contexto, acaba por influenciar a forma como ela entende as actividades nos outros. Quer isto dizer, afinal, que as suas concepções referentes a *Jogo* e a *Trabalho* se vão formando na integração das diferentes experiências que tem nos vários contextos.

Daí que, apoiando-nos na perspectiva de Bronfenbrenner (1985), consideramos fundamental no estudo das concepções da criança sobre *Jogo* e *Trabalho*, ter em conta os contextos que ela habita e a sua interrelação.

Nesta perspectiva, saliente-se ainda que ao pretendermos estudar as concepções infantis sobre as actividades *Jogo* e *Trabalho*, estudámos também as concepções que estas crianças têm dos quatro contextos educativos, em termos de Jogo e de Trabalho.

Finalmente, pensamos que em trabalhos futuros sobre esta problemática se deverá aprofundar sobretudo a utilização da Dramatização com fantoches e dos Desenhos, por proporcionarem respostas mais espontâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRONFENBRENNER, U. (1985). «Contextos de crianza del niño: Problemas y prospectiva», in *Infancia y Aprendizaje*, n.º 29, pp. 45-55.
- PIAGET, J. (1973). *A formação do símbolo na criança*, Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- VIGOTSKY, L.S. (1978). «Play and its Role in the Mental Development of the Child», in BRUNER, J.; JOLLY, A. SYLVA, K. — *Play-Its Role in Development and Evolution*, Penguin Books, pp. 537-554.